SEGURANÇA ALIMENTAR

PACTO PELA SENSATEZ

ANTONIO CARLOS MOREIRA

Jornalista, pós-graduado em Economia de Empresas pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, associada à Universidade de São Paulo (Fipe-USP), e em Derivativos e Informações Econômico-Financeiras pela Fundação Instituto de Administração, também associada à USP (FIA-USP), e gerente de Comunicação da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

O AGRONEGÓCIO continua a apresentar resultados que comprovam ser ele um dos únicos setores capazes de amenizar os efeitos para as projeções sombrias que pairam sobre a economia do País. Ainda assim, algumas iniciativas governamentais não se davam conta, ao que parece, da gravidade da situação – caso, por exemplo, do Pacto Nacional para Alimentação Saudável, lançado em novembro último.

O documento divulgado pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) durante o evento alinha-se à insistência anacrônica de estabelecer antagonismos, como: agricultura familiar *versus* agricultura empresarial; agroecologia e orgânicos *versus* defensivos agrícolas e biotecnologia. São distorções apregoadas no documento, em trechos como: "Comida de verdade é produzida pela agricultura familiar, com base agroecológica e com o uso de sementes crioulas e nativas. Comida de verdade é livre de agrotóxicos, de transgênicos e de fertilizantes".

Há três consequências danosas para a segurança alimentar quando se estabelece um confronto desnecessário entre agricultores que optam por diferentes sistemas: (i) reforça-se uma concorrência acirradamente desleal entre agricultores "orgânicos" e os demais; (ii) exacerbam-se receios infundados nos consumidores quanto à saudabilidade dos alimentos; e (iii) não se oferece solução concreta para a questão da segurança alimentar, tendo em vista sua real incapacidade técnica de produtividade em larga escala.

O Ano Internacional da Agricultura Familiar, celebrado em 2014, constituiu-se em uma oportunidade para a melhor compreensão do papel estratégico da agricultura, a começar pela revisão do equívoco que contrapõe "duas agriculturas": a familiar, confundida com a produção orgânica, e a que adota tecnologias visando a melhores produtividades.

A visão "ou nós, ou eles" não constrói o almejado desenvolvimento – como está se constatando agora. Estranho que esta visão ganhe espaço até mesmo no terreno da dramaturgia, como propõe o enredo da novela "Velho Chico", da TV Globo. É preciso alertar, porém, que tais arroubos se chocam frontalmente com as diretrizes gerais da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), recentemente reafirmadas.

Em fevereiro deste ano, durante o Simpósio Internacional sobre o papel das Biotecnologias Agrícolas em Sistemas Alimentares Sustentáveis e na Nutrição, a FAO reuniu cerca de quinhentos representantes de instituições de pesquisa, de governos e da sociedade civil. De acordo com José Graziano, diretor-geral do órgão, o objetivo foi analisar como as biotecnologias agrícolas podem atender, principalmente, os cerca de 500 milhões de estabelecimentos da agricultura familiar em todo o mundo: "a FAO está convencida de que o casamento da Biotecnologia com a Agroecologia – estendido finalmente à agricultura familiar – é um pedaço de chão firme capaz de desautorizar a turbulência atual a se consolidar como o 'novo normal' do mundo".

Portanto, a agenda para um Pacto Nacional para Alimentação Saudável deve ter como princípio norteador que a moderna produção de alimentos com alta produtividade e a preservação dos recursos naturais podem e devem caminhar juntas. O Brasil somente tornou-se, em apenas duas décadas, o segundo maior produtor mundial de alimentos após selar o pacto pela sensatez na produção agropecuária: aliar as boas práticas agrícolas à pesquisa tropical geradora das modernas tecnologias. ■